

APRESENTAÇÃO

Em boa hora, *História & Perspectivas* publica o dossiê *História e Saúde*. As conexões entre essas temáticas já se fazem tradicionais na historiografia mundial e cada vez mais promissoras nos estudos históricos no Brasil.

Em tempos nos quais se discute oficialmente a regulamentação da profissão do historiador, o aprofundamento desta temática traz um novo elemento para o debate. Trata-se da discussão sobre as ações dos profissionais, objeto clássico na formação de homens e mulheres atuantes nesse campo multidisciplinar por excelência que é a Saúde. Médico(a)s, enfermeiro(a)s, odontólogo(a)s, psicólogo(a)s e nutricionistas, apenas para mencionar alguns dos profissionais desse campo, vêm produzindo estudos históricos acerca de seus currículos e regulamentações profissionais, seus sucessos e insucessos científicos, congressos e entidades de classes, além da memória daqueles a quem atendem profissionalmente. Os historiadores, por sua vez, ainda não adentraram essa reflexão com a intensidade que tais temas merecem e requerem.

Neste dossiê, os textos foram escritos por historiadores e também por profissionais de algumas das áreas acima mencionadas. A intenção é estimular um debate. De um lado, temos profissionais ávidos por refletir a respeito de suas trajetórias, ainda que sem um domínio rigoroso dos métodos, dos jargões, das teorias da História e dos procedimentos historiográficos. A afeição legítima desses profissionais, cuja inserção social é bastante relevante, nem sempre encontra repercussão nos estudos realizados por historiadores de ofício.

Mas esse não é, seguramente, o único tema para discussão. A historiografia brasileira sobre História e Saúde é ampla e variada, sendo praticada em diferentes instituições e sob diversas perspectivas. Abordagens tais como o conflito entre as práticas oficiais e populares de cura, o rigor da academia e a criminalização do curandeirismo, as conexões religiosas nas práticas de cura, as mudanças e permanências de hábitos, comportamentos, aspectos simbólicos e padrões de consumo alimentares e os lugares da memória têm ganhado espaço.

Do mesmo modo, tem vindo à luz estudos sobre o exercício profissional, as biografias de expoentes da Saúde, histórias das instituições produtoras de conhecimentos profiláticos e terapêuticos, além de um vasto segmento dedicado ao saber médico no âmbito da História das Ciências. A História Ambiental, a das políticas públicas de Saúde, das epidemias e a da alimentação também podem ser entendidas como parte da grande intersecção entre História e Saúde, esta última concebida de modo a abarcar o físico e o mental, o individual e o coletivo, o social e o político.

Neste dossiê, o leitor encontrará exemplos de alguns desses temas, objetos e abordagens sob diferentes perspectivas. A intenção, aqui, não foi unificar discursos nem pasteurizar procedimentos historiográficos – com perdão da metáfora biológica extrapolada para a análise histórica.

Abrimos o dossiê com um artigo de minha autoria, reescrito em algumas oportunidades ao longo dos últimos anos, e que propõe uma caminhada do presente para o passado. “Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais” ensaia, em uma temporalidade alongada – dos séculos XVIII ao XX – uma análise da produção de argumentos científicos que embasam o racismo no tempo presente a partir da experiência histórica, relativizando a ideia positiva (e positivista) de Ciência como conhecimento pétreo e imutável. Os africanos e seus descendentes no Brasil, formadores de uma sociedade fruto da diáspora, foram alvos de preconceitos duradouros e ainda existentes. As formas e origens desses preconceitos são analisados aqui.

Na sequência, temos dois textos escritos de diferentes perspectivas e sobre temáticas diversas, mas que dialogam no sentido da elucidação de ações institucionais. Em “Estabelecimentos de Saúde na Fortaleza provincial: uma implantação lenta e descontínua (1840-1860)”, Francisco Carlos Jacinto Barbosa traz uma temática inovadora pelo período que aborda, em geral destacado na historiografia por outras razões, mais centradas na História política. O autor trata as fontes de maneira crítica, tanto no que se refere à moralidade quanto ao uso das verbas públicas na edificação dos locais de atendimento à saúde. Partindo de fontes

oficiais e de publicações jornalísticas, o texto demonstra como se estruturaram os serviços de saúde destinados aos mais pobres, atentando para sua sazonalidade e precariedade.

Por sua vez, em “Saúde e evangelização na África colonial: trajetórias das ações missionárias católicas no Sudão (1864-1914)”, Patrícia Teixeira Santos baseia-se em fontes praticamente desconhecidas do público brasileiro. A ação missionária católica em território muçulmano e sob controle de uma potência não-católicas revela o intrincado jogo da colonização em África entre o final do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial. As políticas e concepções de saúde e religião são desnudadas e analisadas em perspectiva inovadora. A salubridade como elemento da “natureza” a atuar como obstáculo à suposta civilização que os europeus trariam é tratada aqui como objeto da História, tendo como contraponto a dieta alimentar e o conhecimento do próprio corpo, além do papel feminino na (frustrada) evangelização.

As contribuições de Daisy de Camargo e Janes Jorge nos remetem ao universo multifacetado da sociedade brasileira entre fins do século XIX e meados do XX. “Entre o palhaço e o equilibrista: vocabulários de expressão iconográfica da embriaguez reapropriados no discurso médico”, de autoria de Camargo, revela uma análise de discursos textuais e imagéticos sobre a embriaguez (cuidadosamente não confundida com alcoolismo) que traziam uma lição moral travestida de cunho científico, sem defender uma separação rígida entre uma coisa e outra. Assim, trata de moralidade e de ciência em termos próprios, sem cair no perigo tentador do anacronismo. Faz, ainda, uma leitura bastante original e sustentada sobre o significado do surgimento da Higiene como campo do conhecimento. “Rios e Saúde na cidade de São Paulo, 1890-1940”, escrito por um dos grandes especialistas brasileiros na área da História Ambiental, é original no tratamento das fontes e na recriação da temática, além de competente no balanço. Jorge apresenta uma interessante interrelação entre desenvolvimento econômico local, regional e nacional, processo de urbanização e medidas de Higiene e Saúde Pública destinadas, por vezes, mais a manter as condições do desenvolvimento do que a saúde dos

moradores de São Paulo em um período crucial de sua história (de fins do século XIX a meados do século XX).

Os artigos de Mírian Mendonça Gomes Siqueira, Eliana Faria de Angelice Biffi e Wander Pereira fecham o dossiê e debruçam-se sobre trajetórias de categorias profissionais, com ambições locais e nacionais, respectivamente. Em “Memórias e narrativas: história dos enfermeiros no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia”, Siqueira e Biffi partem de uma história do passado recente e inserem-se na tradição de reflexão histórica no campo da Enfermagem, tradição essa que é volumosa, praticada de modo interdisciplinar e que se utiliza do método da História Oral como recurso legítimo. Pereira, um profissional de sua área, enfatiza, em “Uma História da Odontologia no Brasil”, os percalços da prática profissional e a instituição de cursos de formação de odontólogos.

História & Perspectivas espera, com este dossiê, estimular a produção de novos conhecimentos e textos sobre a temática da História e Saúde. Para isso, selecionou artigos que apontam diferentes direções, e não caminhos unívocos.

O interesse em publicar na Revista tem sido crescente, estimulando-nos, portanto, a ampliar nossa seção de artigos fora do dossiê. Essa é a realidade desse número, que apresenta sete artigos de pesquisadores em um campo de diversos temas de estudo. César Augusto Bermúdez Torres, em “Brasil en el escenario suramericano durante el siglo XXI: un liderazgo que trasciende lo regional”, analisa a participação do Brasil no Mercosul e na Unasul, aponta a construção do papel do Brasil como protagonista na formulação de forças para um projeto de integração sulamericana. Fábio Luis Barbosa dos Santos, em “Nuestra América e Sumak Kawsay: utopias de modernidade alternativa no capitalismo dependente”, tem como objetivo traçar uma “aproximação” entre a utopia de *Nuestra América*, de José Martí, de Cuba no final do século XIX, e as proposições contidas no ideário de Sumak Kawsay, anunciadas por Rafael Correa em seu governo. Amilson Barbosa Henriques, em “Propostas de modernização da agricultura em São Paulo e a reforma da agricultura brasileira

de Antônio Gomes Carmo”, explora a história da agricultura no Brasil com foco no estado de São Paulo entre os séculos XIX e XX, discutindo algumas propostas de modernização agrícola; a partir do estudo do manual Reforma da Agricultura Brasileira de 1897, analisa as propostas de modernização de agricultura no Brasil construídas por Antonio Gomes Carmo e a sociedade que se engendra naquele período. Anelise Rodrigues Machado de Araújo, em “Tirando as crianças da escola: o discurso da mídia impressa acerca do labor infantojuvenil”, explora as discussões empreendidas pela imprensa periódica do final dos anos de 1980, em Santa Catarina, a respeito do trabalho infantojuvenil. Ainda em Santa Catarina, temos o artigo de João Henrique Zanelatto, “Trabalho e resistência operária na cerâmica vermelha”, sobre a experiência dos trabalhadores que lidam com a cerâmica vermelha em Morro da Fumaça nos anos de 1970 a 1990; interessado em “dar visibilidade” a esses trabalhadores, estuda a organização do grupo, resistências e lutas pela sobrevivência. Robert Paula Gouveia, em “Conformação e avaliação de políticas públicas sociais: o caso Ceará/Grandene”, estuda, no Ceará, a política de incentivos fiscais do Governo do Estado em relação à empresa Grandene; discute a compreensão acerca dos conceitos de políticas públicas e políticas públicas sociais e empreende uma análise sobre como a adoção dessa política se fez no Ceará, em específico. Carla Monteiro e Cátia Wankler apresentam “Algumas considerações sobre o uso de autobiografias como fontes na pesquisa histórica”, apontando possibilidades de investigação que articulem o estudo de relatos autobiográficos escritos com o estudo da cidade.

Este número apresenta ainda duas resenhas. Maria Amália Rocha apresenta *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*, de Yonissa Marmitt; Carlos Alberto Vieira Borba analisa *Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente*, de Antônio de Pádua Bosi.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Jaime Rodrigues